



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

MÁRCIA NASCIMENTO DA SILVA

**TI, TI, TI NA HISTÓRIA:
Uma ferramenta midiática para o ensino de História**

ANANINDEUA - PARÁ
2018

MARCIA NASCIMENTO DA SILVA

**TI, TI, TI NA HISTÓRIA:
Uma ferramenta midiática para o ensino de História**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Curso de Especialização em Ensino de História, da Universidade Federal do Pará (UFPA) como requisito parcial a para obtenção do grau de Especialista em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Garcia da Silva

ANANINDEUA - PARÁ
2018

MÁRCIA NASCIMENTO DA SILVA

TI, TI, TI NA HISTÓRIA:
Uma ferramenta midiática para o ensino de História

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Curso de Especialização em Ensino de História, da Universidade Federal do Pará (UFPA) como requisito parcial a para obtenção do grau de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Wesley Garcia da Silva
(Orientador- UFPA)

Prof. Dr. Carlos Bastos
(Membro - UFPA)

Profª. Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo
(Membro - UFPA)

À minha mãe Erundina Oliveira (*in memoriam*),
que se faz presente em todos os dias da minha
vida, sei que de seu lugar olha por mim e
sempre estará comigo em minhas vitórias.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos:

A Deus por ter permitido a oportunidade de adquirir conhecimento para auxiliar aqueles que de mim precisarem.

Aquele que me acolheu de braços abertos, me conduzindo pelos caminhos da pesquisa com paciência e maestria: Professor Dr. Wesley Garcia da Silva, que foi incansável na minha orientação, me auxiliando para alcançar meus objetivos.

Ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, por ter me concedido a chance de realizar essa Especialização.

Agradeço aos professores participantes da banca examinadora que dividiram comigo este momento tão importante e esperado: Prof^a Dra Sidiana Macêdo e Prof. Dr. Carlos Bastos.

Aos meus professores do curso de especialização, pelas suas importantes contribuições sem as quais não teria como obter êxito nos meus estudos.

Aos meus alunos, razão de todo esforço empreendido para a conclusão deste trabalho e responsáveis por fazer me apaixonar a cada dia pela profissão que escolhi.

A todos os meus amigos em especial à Loren Rendeiro, Odaleia Guedes e Marilin Genezareth pelo companheirismo e amizade.

Aos familiares que torceram por mim, em especial as minhas filhas; Marcely Silva e Maria Eduarda Silva pela compreensão nos momentos de ausência e dedicação a este trabalho.

Ao meu marido, Messias Silva, por acreditar na minha determinação.

A todos que de alguma forma colaboraram para a concretização de mais uma etapa em minha vida profissional, principalmente aqueles que sempre tiveram uma palavra de incentivo e coragem nas horas difíceis, sendo-lhes a minha gratidão eterna.

“Que todo o meu ser louve ao Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos!” (Salmos 103:2.)

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

(Paulo Freire, educador brasileiro)

RESUMO

O trabalho intitulado “Ti, Ti, Ti na História: uma ferramenta midiática para o ensino de história”, trata da criação de uma página no *Facebook*, com objetivo de propor o estímulo à pesquisa e à construção do conhecimento histórico por meio virtual, atentando para as especificidades do trabalho do historiador, que nesse novo momento da busca pela construção do saber histórico, aproxima-se das novas tecnologias da informação e da comunicação como alternativa para motivar os alunos do ensino médio, da Escola Estadual Jorge Lopes Raposo, localizada no distrito de Icoaraci, na cidade de Belém-Pa, a se interessarem pelas aulas de história. Está mais do que evidente, que não há mais espaço para aquela sala de aula que antes se resumia a alunos, professores, quadro, mesas e cadeiras. O professor, na condição de agente de transmissão de conhecimento, e visando melhorar cada vez mais o ensino de História no país, precisa estar atento às novas alternativas de complementar o ensino. A tecnologia é uma delas. É necessário, que escola e professor reconheçam a grande importância que essa ferramenta tem em nossas vidas, afinal, não há nada, atualmente, que atraia mais a atenção de crianças e jovens do que a tecnologia. Já não estamos mais em tempo de ignorar ou evitar o uso dela em sala de aula. Ela está aí, em todos os lugares, o tempo todo.

Palavras-chave: Novas abordagens. Saber histórico. Tecnologia.

ABSTRACT

The work seeks to present the Facebook page Ti, Ti, Ti in History, as a technological tool capable of facilitating the teaching-learning process of the History discipline, paying attention to the specifics of the historian's work, that in this new moment of the search for construction of historical knowledge, approaches new approaches and resources for the classroom as an alternative to motivate students to take an interest in history classes. It is clear that there is no room left for the classroom that used to be students, teachers, chalkboard, tables and chairs. The teacher, as agent of transmission of knowledge, and aiming at improving the teaching of History in the country, needs to be attentive to new alternatives to complement teaching. Technology is one of them. It is necessary that school and teacher recognize the great importance that technology has in our lives, after all, there is nothing that currently attracts the attention of children and young people more than technology. We are no longer in time to ignore or avoid using it in the classroom. It's there, everywhere, all the time.

Keywords: New approaches. Historical knowledge. Technology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	11
3	REFERENCIAL TEÓRICO	12
4	METODOLOGIA	27
4.1	Aplicabilidade	29
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

Que o ensino de História está passando hoje por um novo momento de reformulação é incontestável. Nossos alunos criam expectativas nas aulas de História, nas quais eles possam se enxergar enquanto agente histórico e quando, por exemplo, apresentam-se metodologias de ensino e aprendizagem focadas na mera memorização e reprodução de conteúdo isso não acontece, eles acabam frustrando-se, criando mecanismos de resistência à permanência nesse espaço escolar. Por outro lado, nós professores, preocupados em poder proporcionar novos caminhos para o ensino de História, em vista da propagação das tecnologias, da rapidez de acesso às informações, administramos conscientemente, a necessidade em acompanhar e trazer para dentro da sala de aula, essas mudanças no sentido de contribuir na formação das novas gerações.

Em meio à tantas informações disponíveis, no formato imediatista, apresentadas nos mais variados meios de comunicação, o conhecimento histórico é convocado também para ser apresentado de forma inovadora e capaz de despertar no aluno o interesse pelo saber histórico.

Somente a contextualização verbalizada dos conhecimentos históricos não preenche mais as necessidades dos alunos hoje, como há tempos atrás, onde os fatos de personagens supostamente heroicos, corajosos, abnegados envolviam a imaginação desses alunos.

Entendemos assim, nesta intervenção pedagógica, a necessidade de inventar estratégias e dar conta de práticas educacionais relacionadas à disciplina para tentar trazer o aluno, de uma realidade que ele se sente desconfortável, que não o atrai, que ele não se importa, ou seja, de uma educação pautada na transmissão do conhecimento, na submissão do aluno ao professor, onde o professor é o detentor de todo o saber e o aluno nada tem a ensinar ao professor, para uma educação onde o aluno possa participar ativamente do processo de uma aprendizagem significativa

Como bem esclarece, a professora Maria Auxiliadora Schmidt (2001, p. 216)

Provocar a ruptura com o ensino tradicional de História é um desejo expresso pela maioria dos professores de História que, com suas experiências individuais ou coletivas nas salas de aula, vêm realizando contribuições nesse sentido. Além disso, trata-se também de um objetivo proposto em sucessivos debates, discussões e propostas curriculares, bem como em publicações e encontros nacionais e internacionais.

Nessas circunstâncias, nos dispusemos a refletir de que forma poderíamos propiciar um ensino e aprendizagem mais ativa e envolvente para o aluno. A criação de uma *fanpage*¹ chamada Ti, Ti, Ti na História, é aqui considerado por sua vez, como uma inserção de um recurso midiático no ensino de história que possibilita encaminhamentos de aulas de História, onde o aluno ao buscar informações, descobre o sentido dos acontecimentos e se vê na condição de agente responsável por sua aprendizagem, nesse sentido, identifica esse recurso como um elemento interessante ao seu aprendizado.

Este estudo foi pensado, atentando para as mudanças paradigmáticas, às velozes e profundas transformações tecnológicas das últimas décadas, transformações significativas em todas as áreas do conhecimento onde as máquinas que geraram essas transformações significativas em todas as áreas do conhecimento, fizeram com que novos modelos educacionais se estabelecessem e exigissem do professor práticas pedagógicas que o tornassem mediadores do conhecimento, em oposição ao velho paradigma do professor detentor de conhecimento.

Em função deste novo paradigma educacional que se apresenta, influenciado pela revolução tecnológica, esta pesquisa vem refletir sobre a inserção da *fanpage* Ti, Ti, Ti na História em sala de aula, utilizada como um divulgador do conhecimento histórico e facilitador das relações de ensino aprendizagem. Para tanto, este trabalho se dividirá em duas etapas: num primeiro momento, Referencial Teórico, destacaremos algumas questões relacionadas ao ensino de História no Brasil de hoje, principalmente em termos de dilemas, problemas e contextos que envolvem o desestímulo em relação ao saber histórico e as novas metodologias, além de elementos teórico-metodológicos sobre as práticas de inovação, a partir de ferramentas midiáticas, como celulares, *tablets*, computadores etc; num segundo momento, Metodologia, descortinaremos a criação do *blog* Ti, Ti, Ti na História, usado em sala de aula e fora dela, como um recurso disponível para a atividade pedagógica que apresenta limitações quanto o seu uso de forma interativa e dinâmica, mas que atua como uma alternativa de recurso didático ao professor que pretende ampliar sua prática docente além dos limites que ele encontra ao usar apenas o livro didático no ensino de História na rede básica de ensino.

¹ *Fanpage* ou Página de fãs é uma página específica dentro do Facebook direcionada para empresas ou marcas. Disponível em: <https://www.aldabra.com.br/artigo/o-que-e-uma-fanpage>. Acesso em 20 jul 2018.

2 OBJETIVOS

A página do *Facebook* *Ti, Ti, Ti na História*, apresenta-se como uma ferramenta para o professor utilizar em direção a construção do conhecimento histórico, buscando tornar a didática mais envolvente e assimilativa. Além de indicar novas possibilidades de trabalhar os conhecimentos de História, representa também, uma investida para um ensino de História onde os alunos se compreendam a partir de suas próprias representações, da época em que vivem, que sejam capazes de praticarem uma análise crítica de uma memória que é transmitida, já que todo esforço aqui empreendido, à priori, tem como principal foco a transformação desses alunos em agentes participativos e formadores de opiniões com o poder de intervir na sociedade.

Discutir criticamente sobre o lugar, o papel, as mudanças e permanências e a importância do ensino de História na Educação Básica, é outra tarefa aqui a ser implementada, na medida em que acreditamos ser possível fazer com que os agentes da educação reconheçam que o ensino de História possa desenvolver a capacidade de que o cidadão precisa para participar da sociedade de maneira autônoma e refletida.

E como não poderia deixar de ser, esta experiência vem corroborar com a construção de intervenção interativa no ato de fazer história. Dessa maneira, este trabalho procura apresentar quais os papéis do estudante nas diferentes etapas do projeto de pesquisa e como este pode contribuir para a aquisição de diversas competências relevantes para o conhecimento.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo de mais de uma década em sala de aula como professora de História na rede pública de ensino, diariamente estava ali naquele espaço convicta de que detinha o saber histórico, que o formato do espaço escolar, onde o professor fica na frente de um número considerável de alunos e estes copiando os longos conteúdos históricos, era o mais adequado. Acreditava fielmente que o modelo de avaliação por mim utilizado realmente pudesse ser capaz de revelar o que o aluno pensa. Com as rotineiras perguntas dos alunos: “Quais as páginas para estudar para a prova?”, “Isso vai cair na prova?” Como se a concentração dos conteúdos, fosse considerado fator primordial para o contato com o saber ensinado. Não

conseguia ver naquelas crianças mobilização em criar a alegria de pensar. O método que tanto recriei da aula onde o professor fala e o aluno escuta, ficando clara a missão do professor como aquele que dá as respostas prontas, eu estava reproduzindo. Fazer com que o aluno, frequentemente, repetisse aquilo que já vem nas apostilas sem provocar curiosidade, provocar a inteligência e a interação desse aluno, foram questionamentos suscitados ao longo de vários debates, ocorridos durante as aulas de Especialização em Ensino de História da UFPA, para um despertar de reflexões: afinal, os conteúdos históricos que administro em sala de aula, de que servem para os alunos? O que pretendo que meus alunos compreendam com tais temáticas? Quais posicionamentos esperar desses alunos diante das séries de mudanças de toda ordem (reforma na previdência, reforma trabalhista, na educação etc) porque passa nossa sociedade? Como exigir dos alunos, análise crítica da realidade, se a disciplina de História ainda é concebida pelo aluno como matéria "decoreba"; se nossos alunos, muitas vezes, questionam o porquê da presença da disciplina na grade curricular, uma vez que não conseguem dar sentido para a existência do proponente. O que testemunhamos, são professores cumprindo exaustivas cargas horárias de trabalho, não conseguindo mobilizar-se no sentido de modificar essa situação.

Mas afinal, o que está sendo feito para modificar tal realidade? Estariam os agentes da educação, conscientes da situação e preocupados em buscar uma reformulação na maneira de ensinar? Estariam preocupados em que tipo de pessoas estariam formando? O que os impede a realizar tamanha façanha?

Chega a ser audacioso pensar em mudanças pedagógicas para o ensino de História, quando identificamos planos de aula de História estruturados de maneira esquemática: a localização, a contextualização econômico, político e social das civilizações clássicas, ou seja, ainda percebemos a existência de planejamentos das aulas de história, distantes de um ensino de História que possa oferecer ao aluno um estímulo para a compreensão da realidade que motive esse aluno a falar, expor suas ideias, debatê-las, reformulá-las já que queremos colaborar para a formação de alunos críticos e reflexivos que possam contribuir para a construção de uma sociedade mais digna, justa e igualitária. Como bem lembra a professora Maria Belintane Fermiano (2014, p. 10)

A História é capaz de levar a criança a se colocar na pele das outras pessoas e a perceber pontos de vista alternativos, e não só de seus contemporâneos, mas também de gente que viveu em outras épocas e lugares. É óbvio, portanto, que não

estamos falando aqui daquela História pobre e esquemática na qual os fatos são abordados isoladamente, e os alunos não passam de meros expectadores. Falamos, sim, da História capaz de aproximar os alunos da compreensão das dinâmicas dos fenômenos sociais.

Sentindo-me desafiada a fazer com que os alunos pudessem buscar construir conhecimentos sobre a civilização grega e a sociedade em que vivem, organizei os alunos do 1º ano do Ensino Médio em grupos, para que pudessem através de uma encenação teatral, representar cada grupo social daquela sociedade, apontando para suas problemáticas, sempre referendando aos dias de hoje. O curioso, foi que os próprios alunos pesquisaram na *Internet*, sobre as vestes da época e as reproduziram, identificando através delas a hierarquia social e como as vestes, hoje, na sociedade brasileira também são alvos para denotar, de certa forma, a desigualdade de classes. Buscaram informações sobre a compreensão da vida social daquele povo, direcionando as estruturas de poder daquela civilização as estruturas políticas aqui no Brasil desenvolvidas, conseguiram de certa forma, relacionar as sociedades do passado com as sociedades do presente, ou seja, procuraram identificar semelhanças que possibilitam aos alunos começar a perceber a diversidade da experiência humana, como bem aponta Ana Maria Monteiro (2003, p. 26) “[...] o trabalho do historiador implica a exigência de traduzir na linguagem de hoje o significado passado de palavras e, através delas, das realidades expressas”.

Não se pôde perceber o envolvimento ou dedicação de alguns alunos na participação dessa construção escolar, dos 43 alunos, do terceiro ano do ensino médio, do horário matutino que participaram da experiência, em média de 4 alunos, demonstraram interesse em checar seus e-mails e monitorar suas redes sociais. Para os demais alunos, ficou nítida a presença de um diálogo com o saber histórico através de um recurso metodológico que é próprio do cotidiano dos discentes, a *Internet*. Foi possível perceber que nossos alunos foram estimulados a fazer comparações entre os tempos históricos apresentados, com o tempo mais próximo ao seu cotidiano, quando se identificavam com as pessoas que estavam envolvidas na atividade ou então, demonstravam perplexidade ao se depararem com as condições de higiene, alimentação ou vestuário de outrora.

Nessa interpretação da dinâmica escolar, o professor tem o papel de garantir a continuidade deste processo, apresentando novos textos do saber e assegurando algum nível de familiaridade nesses conteúdos como bem lembra Chervel (1991, p. 197), “A escola é a

responsável pela produção de conteúdo de ensino, de *disciplinas*". Esta colocação de Chervel (1991), nos remete às recorrentes reflexões acerca da atuação que desenvolvo como professora de História na rede básica de ensino, sempre trazendo à tona, uma das preocupações acerca desse ofício: se realmente as compreensões pelos alunos dos conteúdos históricos discutidos em sala de aula estão sendo realizados a contento, já que outrora, era facilmente observado, em linhas gerais, após a entrega das notas. Uma nota dez, representaria o "personificar de Heródoto", enquanto, uma média cinco denotaria o esforço insuficiente de um aluno que não se identifica com a disciplina. Pensamento marcadamente impregnado pela pedagogia tradicional centrada no professor, em outras palavras ele é quem é o detentor do saber e quem tem a incumbência de transmiti-lo ao aluno, já que era considerado como o único que detinha conhecimento diante do aluno, que era tido como o "ignorante" da relação educacional.

Embora desenvolvesse de forma pragmática, convencionalmente, essa metodologia habitual, algumas colocações de alunos traziam uma desconfortável inquietação, falas contínuas como "naquela época", "naquele tempo", "nesse tempo antigo", fazendo-me perceber que as atividades propostas em sala de aula para a compreensão do conhecimento histórico, demonstravam que o meu aluno não tinha a compreensão da noção de tempo histórico, ou seja, não conseguia perceber a coexistência das relações de continuidade e de rupturas com o passado.

A essa constatação, atribuo às repetidas resoluções dos exercícios propostos nos livros didáticos, como também, às cansativas apresentações de pesquisas de narrativas históricas, que não apontavam para caminho algum a seguir, nem tão pouco auxiliava meu aluno a aprender a recolher informações de diferentes fontes históricas pra realizarem reflexões sobre os mais diversos temas abordados e já que a apropriação pelos alunos, da noção de tempo histórico é de suma importância para a compreensão das narrativas históricas como bem esclarece Siman,

Identificar os diversos ritmos e níveis de temporalidade, as diversas durações que revelam continuidades e rupturas no processo histórico de diferentes sociedades e nas diferentes dimensões da vida social, ou ainda o de procurar inserir o presente na duração histórica, constituem-se em operações centrais da produção do conhecimento histórico. (SIMAN, 2003, p. 603).

Compreendi que o que estava ensinando em sala de aula, não estava ajudando o meu aluno a adquirir determinadas capacidades, que a prática pedagógica empreendida, não estaria contribuindo para a formação de cidadãos conscientes da importância da participação social. Esse momento foi norteador para um repensar das minhas práticas metodológicas tradicionais que privilegiavam a transmissão e quantificação de conhecimentos.

À priori, o sentimento que emerge é uma sensação necessária de mudança de paradigma do processo ensino-aprendizagem por mim empreendido. Mas, o que fazer? Como fazer? Essa angústia amplia-se ainda mais quando nos deparamos, nos dias de hoje, com as transformações socioculturais acarretadas pelo uso em larga escala da internet, pelos nossos alunos, evidenciando assim, um momento de abertura de um novo espaço de comunicação.

Não há como fugir. Temos que reconhecer que a presença avassaladora que a Internet adquiriu na vida pública e particular de parte considerável das pessoas impressiona, pelas mais diversas habilidades, condição *sine qua non* para a participação efetiva na cultura digital, apresentada por esses nativos digitais. Os vemos por toda parte, seja com *Ipod*, *tablets* ou *smartphones* em mãos, todos eles têm acesso às tecnologias digitais. Nascidos depois de 1990, a primeira geração de Nativos Digitais assusta, ávidos por informação, com a apresentação de uma nova linguagem da “rede”, com constância dos erros ortográficos, das abreviações de palavras, do uso recorrente de neologismos.

Utilizam aparelhos eletrônicos constante e diariamente, deixando claro que estão *online*, para executarem as tarefas que envolvam as mídias digitais e *offline*, para as antigas modalidades de ensino, por eles assim consideradas: a aula expositiva, centrada no professor, com exercícios de fixação, leituras repetidas, com conteúdos que não apresentam conexão com seu mundo.

É fato, o uso da *Internet* tem crescido em importância junto à prática educativa. Buscar informações, encontrá-las e usufruir de sua apreensão é o mais importante no momento, para essa juventude que dorme com o fone no ouvido e acorda visualizando o celular para checar quantas curtidas recebeu a última postagem.

Um *download* precisa dar início a um novo ponto de partida ao que se refere ao fazer histórico, possibilidades precisam ser oferecidas ao ensino presencial como: esclarecer dúvidas dos alunos, solicitar a participação dos alunos em alguma atividade específica, encaminhar informações, receber atividades realizadas por eles, realizar pesquisas autônomas,

visitas virtuais aos museus, apresentar uma tarefa de forma atraente e factível, fontes de informações (*web sites*, livros, artigos, pessoas/profissionais, vídeos e etc.), um guia para orientar o processo que os alunos seguirão, sugestões para organização das informações coletadas e uma conclusão que auxilie a sistematizar o que foi aprendido. Destacadas as diversas possibilidades do uso criativo das potencialidades pedagógicas que as aulas de História podem ter com o uso da *Internet*, fica claro que a página *Ti, Ti, Ti* na História, apresenta-se como um elemento facilitador, quando muito bem orientado, para a construção do conhecimento histórico, uma vez que o desenvolvimento das novas tecnologias coloca à nossa disposição a possibilidade de utilização de várias linguagens, muitas vezes simultâneas.

A *Internet*, apesar dos perigos que pode representar e que não é objetivo deste trabalho explorar, apresenta características que possibilitam propor diferentes maneiras de representar um conteúdo aprendido em aula, visto que tem a capacidade de fomentar a curiosidade, elemento desencadeador da aprendizagem.

Em meio a tantos dados e informações, é fundamental que o professor compreenda as mudanças que a tecnologia tem proporcionado e conscientize-se que precisa aprender a gerir todo esse conhecimento, utilizando-o em favor desse novo olhar para o ensino de História. Não dá mais para compactuar com a direção/coordenação das escolas da rede básica de ensino, quando proíbem o uso do celular em sala de aula. Seria estar abrindo mão de mais uma possibilidade de integração entre a tecnologia e a prática pedagógica, uma vez que, este instrumento pode ser usado em benefício do próprio aluno, na medida que este recurso aumenta a comunicação com os e possibilita o conhecimento e compreensão de outras culturas, e entendemos aqui este diálogo intercultural como um elemento notoriamente importante na construção de uma sociedade tolerante, respeitadora das diferenças.

É necessário compreender, que informação não significa conhecimento e agora, mais do que nunca, o aluno necessita da orientação do professor, no sentido de transformar informação em conhecimento mobilizável. Necessita que se estimule a reflexão sobre a sociedade do conhecimento, sobre o que é conhecer e sobre aquilo que se pode fazer com o conhecimento.

A página *Ti, Ti, Ti* na História, assume esta perspectiva, permitir estabelecer uma parceria entre o professor e o aluno na medida que, cria novos ambientes para o aprendizado, como bem estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018 em sua competência de número 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Partindo da ideia de que na medida em que suas necessidades vão surgindo, o aluno é levado a buscar conhecimento, assumindo a condição de produtor do conhecimento, responsável por ressignificar os conteúdos e utilizá-los em sua vida e deixa de exercer a condição de um receptor passivo dos conhecimentos repassados pelo professor. Ainda trago na memória, o despertar da curiosidade de um aluno do terceiro ano do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jorge Lopes Raposo, unidade de ensino localizada na região central do distrito de Icoaraci, região metropolitana de Belém, que atende 1500 alunos de áreas periféricas do distrito, nos horários matutino, vespertino e noturno, quando durante uma discussão sobre os governos nazi - fascistas, utilizando a *fanpage do Facebook* *Ti, Ti, Ti na História*, fez o seguinte questionamento: “A ditadura de que estamos falando é a mesma que tanto se fala nas redes sociais?”. Impactada, o *frisson* positivo que senti, acredito ser equiparado ao vislumbre da descoberta do princípio de Arquimedes. Afinal, fazer com que o aluno correlacione o passado com o presente é tarefa que exige calma, paciência e obstinação. O ocorrido, contempla a segunda competência geral da Base Nacional Comum Curricular de 2018.

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

Acredito na construção de uma escola criadora de todos seus conteúdos a serem ensinados e uma vez movidos pelos sentimentos, a transformação da educação passa por dentro dos sentimentos dos professores em buscar uma educação ligada com a vida porque é para isso que a gente aprende: para ter mais eficiência, para viver melhor.

Mais do que constatado que produzir e ensinar História no tempo presente, sem dúvida, tomou uma nova configuração e não podemos fugir do óbvio. Nossos jovens possuem um perfil inovador, tudo é *online* e a tecnologia é algo natural para eles.

A geração de nativos digitais, denominação utilizada por Marc Prensk para referir-se aos estudantes de hoje como “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores,

vídeo games e internet. (PRENSKY, 2001), de maneira intimista molda essa nova relação com o conhecimento. Embora, este processo ocorra de forma gradual, a internet vem alterando a experiência de ensino e aprendizagem no campo da História no espaço escolar.

O espaço cibernético, o qual nossos jovens estão inseridos, pode ser diariamente observado no chão da escola, em meio a aula de História ou quaisquer outras disciplinas. O comportamento é unânime: celulares sobre as carteiras e olhares atentos a qualquer sinal de postagem. A disposição dos estudantes para postar, comentar, compartilhar, curtir não é proporcional à vontade de discutir, debater ou descortinar seja qual temática for. Comumente vistas, tais ações, angustiam o professor ao ponto de reconhecer que as metodologias tradicionais, onde o foco nos exercícios, na repetição e na memorização são marcadamente presentes, não mais conectam-se ao atraente mundo virtual dos estudantes, chamado ciberespaço, um espaço sócio virtual, baseado em técnicas informacionais em rede, que, como quaisquer outros espaços sociais criados pelo trabalho social do homem, tais como os espaços urbanos, contribui para desenvolver a interação sócio humana (ALVES, 2002, p.105).

A permanência da postura do professor, alheia a um novo contexto, pode trazer consequências irreparáveis à construção do conhecimento histórico. Neste sentido, professores de História que admitem o compromisso de formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres estariam fadados a distanciar-se do real ofício do historiador, diante às novas mídias, e aqui entende-se como mídias² ao conjunto dos diversos meios de comunicação, com a finalidade de transmitir informações e conteúdos variados.

Como bem lembra Marc Bloch (2001, p. 54), “São os homens que a História quer capturar. Quem não conseguir isso, será apenas, no máximo, um serviçal da erudição”.

Professores, hoje, imigrantes digitais, “professores que apresentam alguma inabilidade ou desconfiança na sua relação com o aparato tecnológico digital”, (PRENSKY, 2001, p.2), pressionados às exigências do contexto atual, são provocados a realizar uma releitura do passado, reinventado pelo presente

Diante do desafio de seu tempo, com espaço para a penetrabilidade das novas tecnologias, o posicionamento a seguir pelo professor de história é procurar ampliar a possibilidade da construção do saber histórico diminuindo a distância entre a História que se ensina e a História que se escreve” (PETARNELA, 2008, p. 10).

² <https://www.significados.com.br/midia/>

Com um olhar sensível a dimensão da influência exercida pelas ferramentas digitais na vida desses jovens, a percepção que se tem é de que a era digital tem afetado diretamente a todos os envolvidos com o fazer histórico. Atualmente, o quadro desenhado é de “uma escola analógica, com professores formados numa sociedade analógica, desempenhando práticas docentes descontextualizadas do universo vivenciado por seus alunos”, (PETARNELA, 2008, p. 86).

As marcas do fazer histórico, com a prosaica máquina de escrever, as saudosas consultas às bibliotecas universitárias e o predomínio de uma linguagem escrita, certamente está associado a uma relação discrepante a História do tempo presente que atende as premissas do formato digital. Como um passe de mágica, através de um click, é possível modificar os parâmetros da pesquisa histórica, consolidando o traço de uma nova cultura, que é a Cibercultura, que segundo Pierre Lévy (1999, p. 15) “[...] é um fenômeno virtual, coletivo e multidirecional, cuja a base é a rede mundial de computadores”.

O uso de ferramentas digitais inseridas à nova ordem da produção e disseminação do conhecimento histórico, redimensiona a formação do estudante, seu modo de investigar o passado, interferindo diretamente em suas ações no presente.

O uso da *Internet*, rede mundial de computadores, como bem lembra Carlos Ginzburg (2010), mais especificamente o Google é um poderoso instrumento de pesquisa histórica e ao mesmo tempo, um poderoso instrumento de cancelamento da História.

Tal constatação é pertinente, na medida em que evidenciamos a Internet como a base de dados capaz de transcender regras institucionais, além da liberdade de informação, ou seja, assim como pode contribuir para aquisição do conhecimento, também pode não viabilizar as modificações internas dos mecanismos cognitivos com as enxurradas de narrativas históricas, apresentadas de forma aleatória sem qualquer preocupação com a legitimidade. Esse fato decorre da popularização da *Internet*, da acessibilidade de informações. Da diversidade de dados, do consumo das fontes e, por conseguinte gerando abertura para novos narradores de histórias

Principalmente se pensarmos aqui pela ótica da História Pública, podemos perceber que a história não é “objeto de uso” exclusivo de sujeitos reconhecidos - por meio de seus diplomas e ferramentas teóricometodológicas - como “historiadores”. A história também é

produzida e utilizada por sujeitos ou grupos que não possuem essa “chancela” institucional, situação que, todavia, não invalida as narrativas históricas por eles produzidas³.

Diante de um presente eletrônico, fica mais do que evidente, que o professor precisa assumir um novo posicionamento frente aos percalços que o ensino de História vem enfrentando. Está mais do que evidente que ensinar História hoje é, antes de tudo, assimilar que a educação, não diz respeito a depositar informação nas mentes das pessoas. A construção do saber histórico precisa ser desvencilhada das amarras de uma narração histórica fatídica, onde o aluno é condicionado a inculcar na consciência, um saber que precisa ser assimilado custe o que custar.

A rotina de nossos estudantes é marcada nitidamente por jovens diariamente conectados, emitindo opiniões, moldando linguagens, deletando toda e qualquer forma de prática pedagógica tradicional que envolve excessivamente o uso da quantificação de conteúdo e da memorização dos mesmos. A interação (comentar, visualizar, compartilhar, etc) no tempo presente, para os nossos jovens é imprescindível para principiar qualquer discussão. É espantosa a celeridade com que nossos jovens manuseiam as informações advindas das redes sociais, o que não acontece na mesma proporção, quando o professor inicia um debate fundamentado, via de regra, em longos e cansativos textos que não potencializam as dúvidas para a construção do conhecimento histórico.

Em meio à essa transição da história analógica para história digital e aqui o historiador e jornalista Bruno Leal de Carvalho (2014, p. 166) define história digital como “uma área de estudos que se debruça sobre as maneiras como representamos e abordamos a História nos suportes digitais”.

Imersos à compreensão da importância que a História Digital assume no tempo presente, fica aqui fundamentado, a relação com o ensino de História e a aplicação do método *facebook* como um mecanismo para se pensar a sala de aula e a prática docente, já que a escola e o professor precisam adaptar práticas educativas que atendam a nova realidade vivida pelos alunos, de maneira a contribuir para aprendizagens significativas à formação dos nossos estudantes, uma vez que, o saber histórico pode ser apresentado das mais diversas formas.

³ MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (ORG.) **HISTÓRIA PÚBLICA NO BRASIL: Sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e voz, 2016. 354p

Entre elas, o professor pode retirar desse “bombardeio” de informações, que nossos alunos chegam em sala de aula, uma infinidade de possibilidades para a construção do conhecimento histórico.

Os intermináveis *sites*, *blogs*, *memes*, séries, filmes, novelas parecem definir, conceituar e identificar verdades absolutas a despeito dos saberes históricos, sem necessariamente preceder quaisquer discussões das temáticas envolvidas, como se já fosse uma prerrogativa convencional, está no filme, está posto. Esta é a impressão registrada.

Discussões, até mesmo acaloradas, por estudiosos da área, sobre o utilizar ou não o termo “descobrimento” e “Independência”, são temáticas abordadas como a exemplo do filme “Caramuru⁴” e da novela “Novo Mundo⁵”, apresentados nas redes televisivas, de maneira cômica e romantizada, com uma linguagem simplista, levando nossos alunos a crerem que esta seria a melhor forma de se compreender História.

As temáticas históricas, apresentada nos jogos eletrônicos, nas minisséries da televisão, notabilizam sucesso ante o grande público, isso tem chamado a atenção de especialistas da área, afinal de contas, temos uma responsabilidade pelos fatos históricos em geral.

É fato, que essa gama de leitores para além dos especialistas, são direcionados a crer que tudo é história. É esse uso social do conhecimento histórico, que aqui nos interessa analisar, perceber o ensino de História vinculado à utilização das tecnologias da informação e da comunicação na formação de nossas crianças e jovens, um conhecimento histórico que se apresente nas mais diversas formas e nas mais variadas linguagens.

⁴ Caramuru - A invenção do Brasil é um filme brasileiro de 2001, do gênero comédia, dirigido por Guel Arraes e escrito por ele e Jorge Furtado. Caramuru - A Invenção do Brasil – Wikipédia, a enciclopédia livre.

⁵ Novo Mundo é uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo entre 22 de março e 25 de setembro de 2017, em 160 capítulos. Foi a segunda produção da emissora a abordar o reinado e relacionamentos de Dom Pedro I. Novo Mundo (telenovela) – Wikipédia, a enciclopédia livre [https://pt.wikipedia.org/wiki/Novo_Mundo_\(telenovela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Novo_Mundo_(telenovela)).

Essas novas formas de aprender, configuram o que se entende como geração Z⁶, que segundo o geógrafo Valdir Soares Ferreira (2013), trata da geração de pessoas que nasceram entre o começo dos anos 90 e o fim da primeira década do século XXI (2010). Geração constituída pelas pessoas que nasceram durante o advento da internet e do crescimento das novas tecnologias digitais, como smartphones, videogames e computadores mais velozes, por exemplo.

As pessoas da Geração Z, já não conseguem imaginar viver num mundo onde todas as coisas não estejam conectadas num ambiente online, e com troca instantânea de informações. Além do domínio da tecnologia, os *Centennials*⁷ também são conhecidos por serem mais críticos, exigentes, autodidatas e não gostam de seguir hierarquias (ou acham desnecessárias, na maioria dos casos). Essa geração traduz a capacidade de acessar e filtrar, digitalmente, um volume imenso de informação; que não apenas consome, mas produz informação e conhecimento por meio de várias mídias.

Já é de praxe, professor dividir a atenção do aluno com a música, computador, celular e as muitas redes sociais. Incentivar então, uma juventude que perde a motivação pelas coisas rapidamente e têm um forte apelo visual, nos remete uma tarefa um tanto quanto complicada, mais até do que supomos ser, o de ensinar História possibilitando ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com a problemática histórica inerente ao seu grupo de convívio. O fazer histórico requer uma análise cuidadosa desse “aprender”, para redimensionar conceitos alicerçados na busca da compreensão de novas ideias e valores.

Assim como a nova história- terceira geração da Escola dos Annales - nasceu da inquietação de alguns historiadores e por entendermos que o homem é um ser que se

⁶ A Geração Z foi usada para definir as pessoas nascidas na década de 90 até o ano de 2010, sucedendo a Geração Y e extremamente vinculada à expansão da internet e o “boom” da criação dos aparelhos tecnológicos. A maior característica dessa geração é a conectividade e as inúmeras opções de compartilhamento de arquivos e

informações, seja através da televisão, internet, telefone, etc. **Geração Z.**Janguie Diniz – Mestre e Doutor em Direito – Fundador e Presidente do Conselho de Administração do Grupo Ser Educacional – janguie@sereducacional.comu

⁷ Os *centennials* vivem no agora, no imediato, em alta velocidade, cercada por todos os lados de tecnologia e informação e com acesso muito rápido ao conhecimento. Na verdade, a chamada **geração Z**, inicia seus primeiros passos na idade adulta e no mercado de trabalho. Eles nasceram entre os anos de 1997 e 2010, e são conhecidos como os “nativos digitais”. É a primeira geração a nascer em plena era da internet. Gama de Medeiros > Artigos > Artigos > Gestão Empresarial e Empreendedorismo Avançado> Geração Z: os centennials e o novo desafio para a gestão das empresa

modifica no tempo, acreditamos veementemente que a História hoje, precisa ser refeita, para se adequar ao surgimento de novos anseios. Também pelo fato de que o conhecimento histórico muda, e novas técnicas, novos conceitos e teorias de abordar o passado vão aparecendo, cunhando novos conhecimentos e redefinindo os já existentes, e o tempo presente muda, e nesta mudança o passado e o futuro são constantemente rearticulados (REIS, 1999, p. 9). Isso obriga reescrever a História. Pois “a História é a ciência dos homens no tempo”, (BLOCH, 2001).

Desenvolver métodos criativos, que possibilite aprender história, quebrando a concepção tradicional/habitual, passa a ser uma preocupação constante do historiador. A palavra de ordem é “inovação”. É preciso inovar, apostar em jogos, brincadeiras para despertar a curiosidade em relação ao conhecimento histórico. Só a empatia dos profissionais da educação, já não atende mais as expectativas desses estudantes.

O fascínio que o aluno demonstra em sala de aula pelo saber histórico, seja no ensino fundamental ou médio, revela o interesse desse aluno em compreender as narrativas históricas através de sua observação das imagens e reflexão dos documentos em sala de aula. E é essa constatação, que nos impulsiona a defender a história e a capacidade do homem em compreender como o mundo veio a ser o que é hoje.

O uso de novas práticas metodológicas em sala de aula, já constatado por estudos na área, como o uso das mídias, oportunizam maneiras distintas na construção do conhecimento. No entanto, concebemos que as escolas públicas não estão preparadas para atender de forma satisfatória, às necessidades do mundo digital dos nossos alunos. As deficiências são diversas, vai da falta de laboratórios de informática até a falta de qualificação dos professores para atender a essa demanda.

Em linhas gerais, à medida que o mundo solto da internet, ganha mais e mais importância ao apresentar-se como um meio viável, sempre à mão, aparentemente mais fácil para pesquisa, ainda não é concebido como um uso comum na educação. Nitidamente, caminhamos a passos tímidos, a apreciação do fazer histórico, através das mídias, hoje vista, como um grande potencial para funcionar como uma espécie de ponte para ampliar as competências básicas.

Outra condição que precisa aqui ser enfatizada, trata de um dado ainda muito presente nas escolas – na sua grande maioria – uma vivência muito separada dos problemas que os alunos querem resolver e sobretudo desenvolvendo a ideia – muito questionável – que antes

de se chegar à prática é preciso encher a cabeça com teoria. A prática de um ensino conteudista, enfadonho, que testemunhamos não obter êxito, nos condiciona a requerer uma nova postura enquanto profissionais da área. O momento⁸ exige que nós professores, ensinemos nossos alunos a trabalhar com instrumentos que permitam nossos alunos a pensar historicamente, se possível, tomando o cotidiano do aluno como primeira referência, para ensinar História, já que entendemos como necessário, que este aluno participe ativamente da vida em sociedade.

Mais uma vez, encontra-se em voga a discussão curricular, sobre: quais os conteúdos e quais novas experiências devem ter prioridade na escola? A preocupação vai muito além do que a escolha de conteúdos, mas a forma como serão dinamizados. A questão fundamental, é entender como são tratadas as formas de transmissão dos saberes nas escolas, a utilização dos materiais escolares, enfim, as múltiplas maneiras de aquisição e transmissão da educação institucionalizada.

Compartilhamos das ideias dos educadores que acreditam que a prioridade da escola deve ser dada aos conhecimentos em que o aluno pode construir, com os conhecimentos que se relacionam com a sua vida cotidiana, com a sua cultura e com os seus problemas atuais.

São perspectivas curriculares que valorizam o ponto de partida do aluno, isto é, as suas questões, inquietações e desafios. O ponto de partida para a aprendizagem é o que se sabe e o que se quer saber no contexto em que se pode aprender. Nesta perspectiva, os aprendizes, constroem um projeto sobre o que querem aprender e elegem – e são apoiados para isso – questões que querem ver respondidas.

Encontramos essas experiências nas escolas, com diferentes professores, escolas, sistemas educativos, perspectivas que se aproximam mais de um modelo ou outro. Mas de certo, é difícil encontrar estes modelos em estados “puro”, isto é, pedagogias que desprezem completamente as necessidades e condições dos alunos ou também modelos que se satisfaçam com a mera resposta pontual a questões ou projetos dos alunos sem as inserir em quadros conceptuais mais alargados e situados em termos do conhecimento.

As escolas continuam – na sua grande maioria – a viver muito divorciadas das comunidades, dos problemas que os alunos querem resolver e sobretudo desenvolvendo a

⁸ A nossa sociedade passa por momentos de transformações. Estas mudanças ocorrem devido às novas tecnologias de informação e comunicação, que aos poucos, vão se interligando a atividade educativa. TIC'S NA EDUCAÇÃO: A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA ...
periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/11019/8864.

ideia – muito questionável – que antes de se chegar à prática é preciso encher a cabeça com teoria. A experiência dos alunos, as suas questões, a importância do cotidiano continuam a ser omitida da pedagogia nas escolas.

O certo é que cada vez que pensamos em mudar a escola, sempre pensamos que os obstáculos são os programas que são longos, são os conteúdos que são complexos e precisam de muito treino, etc. Mas os programas e os currículos são eles próprios fruto destas opções que valorizam o conhecimento dos manuais e dos programas em detrimento do conhecimento que se constrói a partir da realidade e da experiência dos alunos.

Em meio a essas perspectivas apresentadas, acompanhamos o emergir de uma nova postura dos nossos adolescentes, cada vez mais hipnotizados pelos dispositivos móveis já que o Brasil apresenta recorde de crescimento no uso da rede social, como revela estudo realizado pela eMarketer⁹ no ano de 2016. O estudo apresenta o Brasil como um dos principais usuários das redes sociais em toda a América Latina.

Em toda a América latina, já que o Brasil tinha 78,1 milhões de usuários mensais ativos (isto é, que acessam uma rede social ao menos uma vez por mês) em 2014 e este número subiu para 86,5 milhões em 2015 (crescimento de 10,7%) alcançando a metade de 2016 com 93,2 milhões (aumento de 7,8%). Como bem apresenta a tabela.

Tabela 1. Usuários de redes sociais na América Latina

⁹ Empresa de pesquisa de mercado subsidiária de 93% que fornece informações e tendências relacionadas a marketing digital, mídia e comércio. Foi fundada em 1996 e está localizada em Nova York, nos EUA.

Social Network Users in Latin America, by Country, 2014-2020

	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Social network users (millions)							
Brazil	78.1	86.5	93.2	97.8	100.6	103.1	105.2
Mexico	43.7	49.5	56.0	61.6	65.9	69.8	72.1
Argentina	19.2	20.8	21.7	22.5	23.3	23.9	24.3
Other	69.0	81.0	89.3	95.9	102.0	107.7	111.9
Latin America	210.0	237.8	260.1	277.8	291.8	304.4	313.6
Social network user growth (% change)							
Mexico	16.7%	13.2%	13.1%	10.0%	7.0%	6.0%	3.3%
Brazil	12.5%	10.7%	7.8%	5.0%	2.8%	2.4%	2.1%
Argentina	9.9%	8.5%	4.2%	3.8%	3.4%	2.6%	2.0%
Other	16.2%	17.5%	10.3%	7.3%	6.4%	5.6%	3.9%
Latin America	14.3%	13.2%	9.4%	6.8%	5.0%	4.3%	3.0%

Note: internet users who use a social network via any device at least once per month; numbers may not add up to total due to rounding

Source: eMarketer, June 2016

209337

www.eMarketer.com

Fonte: Divulgação/eMarketer)

Os tempos são outros, os alunos não são mais os mesmos, portanto, os professores também precisam repensar suas práticas educativas. Aquela história feita para educar e moralizar, também não cabe mais nos dias de hoje.

As aulas de História necessitam ser descontraídas e questionadoras, como também, devem apresentar uma aula com significados que possibilitem ao aluno a compreensão e leitura da realidade.

É esta convicção, que as novas abordagens metodológicas de ensino podem nos proporcionar. Trazer, um ensino de História capaz de lidar com a pluralidade de vozes, garantindo a fala livre dos alunos como sugere Paulo Freire (1979, p. 41), “educar para a consciência que ama o diálogo e nutre-se dele”.

Pelo exposto, constatamos a necessidade de fazer com que o aluno se reconheça em meio a uma teia da História, como um ser que faz parte e constrói a História, inculcando assim, o entendimento de que a História é a ciência humana básica na formação do aluno, pela possibilidade de fazê-lo compreender a realidade que o cerca e, conseqüentemente, dotá-lo de espírito crítico. Como bem lembra Durval Muniz

a história pode, dependendo da forma como é escrita e ensinada, nos levar a valorizar o tempo presente, a vida presente, nos fazer perceber a necessária intensidade com que temos de viver a vida (...), não ficando alheios ao que nela se passa, procurando nela intervir, (...), buscando conformar um sentido e um

significado para a existência, que não estará dado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 35)

Pensar o ensino de História, a partir de uma perspectiva metodológica significativa para o aluno, implica desenvolver ações que reestruturem os conteúdos, inovem procedimentos e estabeleçam com clareza os objetivos que se pretendem para os dias de hoje, isto é, alunos que conheçam, mas também que questionem. É neste contexto que este trabalho se desenvolve.

O ambiente da sala de aula é marcado pelo uso constante das mídias digitais pelos nossos alunos, seja realizando *selfs*, compartilhando fotos ou acessando suas redes sociais, a impressão que se tem é de que todos, amigos e conhecidos estão no *Facebook*. Essa sensação, pode ser resultado da rapidez com que os brasileiros se tornaram adeptos dessa rede social e, como afirma a pesquisa do *Socialbakers*¹⁰, o país apresentou o maior crescimento entre todas as outras nações.

A população brasileira adapta-se naturalmente ao *Facebook*, os brasileiros já estão acostumados a fazer uso de redes sociais com frequência, seja para conversar com amigos, seja para trocar informações. Dessa maneira, o site funciona como um recurso extra de comunicação, facilitando o que já é feito normalmente.

Com intuito final em alcançar o educando, uso do *Facebook*, passa aqui a ser compreendido como meio de comunicação digital capaz de possibilitar inúmeras oportunidades para o setor educacional, entre elas, a construção do aprendizado coletivo, como sinaliza a historiadora, Thaís Nívea Fonseca (2011, p. 35)

Acompanhar o avanço das tecnologias que afetam nosso fazer profissional, tanto no ensino quanto na pesquisa, e cada vez mais nos depararmos com dimensões que nos obrigam a repensar nossas posições no campo.

Desta forma, apresentamos a página *Ti, Ti, Ti na História*, como uma ferramenta midiática, que deve se aproveitada para se trabalhar História, um mecanismo que pode ser utilizado pelos professores para integrarem a *Internet* em suas aulas, no sentido de mobilizar o interesse dos nossos alunos aos conhecimentos relacionados ao tempo histórico.

¹⁰ É uma empresa global de análise de mídia social que oferece uma plataforma de software como serviço de marketing.

4 METODOLOGIA

Um portal digital configura: uma página, um site no qual é projetado para propagar e distribuir uma diversidade de conteúdos com fontes e assuntos distintos. Alinhados a essa perspectiva, contemporânea e atual do uso das mídias digitais pelos nossos jovens e com a intenção de possibilitar uma ferramenta a mais no trabalho do professor para o ensino de História, surgiu a ideia de criar página no *Facebook* Ti, Ti, Ti na História, uma espécie de portal, que tem a intenção de dialogar com alunos do ensino médio da Escola estadual Jorge Lopes Raposo, aproximando-se desse universo tecnológico tão atraente para jovens, adolescentes, num sentido de tornar mais dinâmica a comunicação entre professor e aluno, como também disseminar o conhecimento do saber histórico.

Por que a escolha do *Facebook* ? Não é novidade que, durante as aulas, os estudantes atualizam seus perfis, curtem fotos de amigos, comentam publicações, assistem a vídeos, e tudo isso enquanto o professor explica o assunto.

O professor já entendeu, que travar um enfrentamento com o aluno por causa das diversas tecnologias que esses alunos levam e usam na escola, só garante um desgaste tanto para alunos quanto para professores, a proibição, não seria assim, a melhor solução, ao invés de proibir, por que não os permitir utilizar essa tecnologia para a soma de conhecimentos? Como não podemos fugir do que já está posto, passamos a compreender que o ideal é vincular o uso da tecnologia à educação, e uma estratégia interessante é o uso do *Facebook*.

Segundo a Revista Galileu¹¹, O *Facebook* é a rede social mais popular do mundo, é a maior rede social do país em termos de usuários conectados. Já que nosso aluno vive conectado, o professor por sua vez, também precisa estar atento às novas formas de se comunicar. A utilização do *Facebook* passa a ser um recurso, ao qual, o professor, ao explorar, se beneficia dessa rede social, ou seja, pode ser uma ferramenta facilitadora do trabalho do professor, trocando experiências, interações sociais e aprendizado.

A rede social *Facebook*, criada em 2006 por Mark Zuckerberg, oferece aos seus usuários as opções Curtir, Comentar e Compartilhar. Estas opções são chamadas de *plugins* sociais e tem na sua essência o objetivo de reunir pessoas e propiciar a interação entre elas dentro da ideia de diagrama social. O diagrama social tem como princípio a distribuição de

¹¹ Veja quais redes sociais ainda fazem frente ao Facebook mundo afora. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,EMI334813-17770,00-VEJA+QUAIS+REDES+SOCIAIS+AINDA+FAZEM+FRENTE+AO+FACEBOOK+MUNDO+AFORA.html>. Acesso em 20 jul 2018.

informações. Ao conectar-se na rede social, o usuário distribui para outros usuários (amigos) todo o tipo de informação (KIRKPATRICK, 2011).

A decisão em eleger pelo uso do *Facebook*, deu-se principalmente à grande popularidade em que essa rede social, passou a ter. Entende-se aqui por rede social¹², como uma aplicação da *web* cuja finalidade é relacionar as pessoas. Criado em 2006, é considerado atualmente, segundo a revista *Veja*, de 14 de abril de 2014, o site mais acessado do mundo e conta com mais de 2 bilhões de usuários.

A definição de rede social como um conjunto de relações entre pessoas ou organizações que partilham interesses, conhecimento e valores comuns, por meio da internet, faz com que consigamos e entender o porquê, de nossos alunos encontrarem-se habitualmente conectados nas redes sociais e principalmente ao *Facebook*, já que esse aplicativo é achado facilmente nos *smartphones* de um adolescente.

Um dos problemas para quem usufrui desse tipo de rede, é que existe uma grande variedade de informações que são propagadas sem seriedade, cientificidade e são rapidamente compartilhadas como verdades absolutas. Já tivemos experiências muito negativas, de alunos que se manifestaram questionando as informações propaladas durante a aula, por terem realizado alguma leitura contrária as que estavam sendo discutidas em sala pelo professor, nas mídias sociais.

Este projeto versa assim, utilizar a rede social mais utilizada entre os jovens, o *Facebook*, junto a preocupação em trazer a informação com um viés científico, acadêmico, mas, ao mesmo tempo lúdico e acessível.

Uma das primeiras percepções feitas antes da elaboração e construção da página Ti, Ti, Ti na História foi em perceber que existia um número significativo de páginas da rede social digital, com informações de fatos históricos. Além disso, um grande número de compartilhamentos e curtidas do público em geral não apenas de adolescentes, ou seja, existe um público ávido e interessado pelo universo historiográfico, mas que não possuem acesso a informações com credibilidade científica, já que grande parte não continha sequer as fontes.

A deficiência e fragilidade das informações compartilhadas no que se refere a história, foi uma das primeiras percepções que motivaram o surgimento do projeto, nasceu, portanto, a preocupação em criar algo que ao mesmo tempo pudesse ser uma ferramenta em

¹² O termo rede social é uma aplicação da *web* cuja finalidade é relacionar as pessoas. Assim, as pessoas que integram uma rede social podem conectar-se entre si e criar vínculos.

sala, mas, que proporcionasse a seriedade e compromisso de informações com embasamento científico e ao mesmo tempo atraente ao aluno.

À priori, foi perguntado aos alunos do primeiro ano do ensino médio, matutino, da Escola Estadual Jorge Lopes Raposo, se o único meio desses alunos, de estudar as narrativas históricas se dava apenas em sala de aula através da utilização do livro didático ou se teriam um outro acesso para estar em contato com o saber histórico?

Não sei precisar ao certo, mas aproximadamente a metade do número total de alunos presentes na sala de aula, disseram acessar *blogs* com conteúdos de História pra realizarem suas tarefas diárias.

Um segundo questionamento foi feito a esses mesmos alunos, com a intenção de esclarecerem se visitavam a sala de leitura da escola para adquirirem alguma bibliografia do saber histórico, para reforçar as reflexões discutidas em sala de aula? A resposta foi unânime que não.

Finalmente, indaguei-os sobre a utilização da sala de informática como nosso novo ambiente de estudo? A satisfação foi generalizada.

Convencida de que seria um esforço a mais a ser empreendido, já que uma aula diferenciada e interativa, que apresenta uma nova forma de ensinar, exige de mim mais envolvimento e disponibilidade para assumir tal compromisso. Me vi preocupada em pesquisar como obter uma conta no *facebook*, para dar início a composição do processo?

Primeiro, entrei no *site* do *Facebook.com*, inseri meu nome, e-mail, criei uma senha, selecionei o gênero e pronto, cadastro realizado com sucesso, a conta no *Facebook*, estava ativada.

4.1 Aplicabilidade

Qualquer pessoa que possua uma conta no *Facebook*, e que tenha esse aplicativo no celular, computador e/ou *tablet*, pode visitar, seguir e curtir. Ao acessar, o aluno encontra curiosidades da história, por exemplo, A moda do luto (Figura 1) inaugurada pela rainha Vitória, e como a cor preta, as fotografias *post-mortem* passaram a integrar o comércio, a ressignificação do capitalismo ao criar uma indústria da morte; ou seja, informações que trazem a micro história, e considero importante que se faça um breve recorte a despeito desta análise da história dos esquecidos, dos silenciados, pois contemplamos interesse real nesta

empreitada, em encaminhar esforços para discutir temáticas referentes a esta linha de reflexão.

A denominada Micro História é a escola historiográfica italiana que primeiramente começou nos artigos publicados nos “Quaderni Storici” na década de 70, e depois pela criação da coleção Micro História dirigida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi em 1981.

Surgiu como uma reação ao desgaste das abordagens estruturalistas e econômico sociais¹³, e também ao encontro com a Antropologia, pois os antropólogos ofereciam um modelo alternativo, que era a ampliação do estudo de caso onde havia espaço para a cultura, para a liberdade em relação ao determinismo social e econômico, e para os individuais rostos na multidão; uma historiografia que foge da macro história, entretanto mergulha nas particularidades da micro, contribuindo para o enriquecimento das aulas. Como apresenta a imagem:

Figura 1. Exemplo de Conteúdo da *fanpage*



Fonte: Elaborado pela autora

¹³ LEVI, Giovanni. **A HERANÇA IMATERIAL**: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII: Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2000. p.8

Esta imagem foi escolhida porque certa vez, durante a aula de História, iniciou-se em sala de aula uma discussão entre alunos, acerca de uma notícia jornalística que denunciava o estupro de uma moça de 17 anos, ocorrido em um bairro periférico do Rio de Janeiro. O aluno teria demonstrado culpabilidade à vítima por estar usando micro saia e supostamente incitar ação criminosa do acusado. O aluno foi fortemente recriminado pelos colegas, no entanto, percebi que havia outros alguns que também partilhavam da mesma interpretação. Julgamos ser a melhor forma de administrar uma intervenção nesta situação, demonstrando através das mais diversas reflexões a despeito dos inúmeros significados que a moda poderia transmitir, podendo ser um artifício que expresse individualidade, uma poderosa ferramenta tribal como também um símbolo de poder, não podendo assim, fazer usos de julgamentos levianos às demais formas de uso da moda. Essas múltiplas construções, foram percebidas quando abordamos questionamentos referentes à Revolução Industrial e a mudança de comportamento dos grupos sociais a partir deste movimento.

Essas informações que não estão nos livros didáticos, despertam um grande interesse nos alunos, permitem abertura para o professor partir de uma peculiaridade para um amplo conteúdo. De uma postagem compartilhada no *Facebook* e visualizada, sobre de como a morte também passou a se tornar um mercado lucrativo, foi possível ainda na sala de informática, adentrar em assuntos como a segunda fase da Revolução Industrial, o Sistema Capitalista, ou seja, um leque de assuntos provenientes de uma curiosidade postada e compartilhada em uma rede social tão comum para os alunos.

Além das curiosidades que trazem informações sobre uma diversidade de assuntos, o *Facebook* possui também um espaço para os alunos tirarem suas dúvidas, ou realizarem perguntas, a página dispõe de um espaço para dúvidas e sugestões, à medida que suscitam perguntas nos esforçamos para respondê-las, orientando leituras acerca das temáticas em discussão.

Além de textos de conhecimentos históricos, disponibilizaremos também nesta página, uma das formas mais ricas para se trabalhar a história, a análise de imagens. Como bem demonstra as historiadoras, Roseane Amorim e Cintia Gomes, (2016, p. 166)

O uso das imagens no ensino de História não é algo novo em nossa sociedade. Sua relevância como recurso pedagógico é indispensável para a compreensão dos conhecimentos artísticos e culturais, pois possibilita o desenvolvimento da

criticidade e da interpretação, e faz com que o(a) aluno(a) reflita sobre os diferentes contextos histórico e temporal que perpassaram a nossa história, o que, por isso, precisa ser conhecido, estudado e utilizado pelo(a) professor(a) mais frequentemente em sala de aula.

A disponibilidade de documentos imagéticos de diferentes tipos e abordagens, vindos de regiões e tempos também distintos, presentes nesta iniciativa, transmitem características e situações vividas por esses grupos, e oportunizam, em sala de aula, suplantar as possibilidades do documento textual comum.

O que se pretende, com este experimento, é justamente orientar o aluno a interpretar as imagens, partindo da ideia de que este, está na condição de leitor das imagens, e por sua vez, esta imagem, necessariamente não é a visão do real, e sim, representações da mesma.

Essa tarefa de interpretação de imagens, possibilita a criação de um campo de interação entre aluno e professor, permitindo que o aluno traga novos conhecimentos para sala de aula, pelo menos essa é a intenção.

A página Ti, Ti, Ti na História surgiu assim, com essa necessidade de atualizar e dialogar com o universo da sala de aula e o universo tecnológico. Usado como uma ferramenta para o ensino de História, serve como um aplicativo capaz de atrair a atenção dos alunos e como possibilidade de construção e propagação do conhecimento histórico.

Fazer uso dessa infinidade de aparelhos tecnológicos (*laptops* , *smartphones* , *tablets* e etc), capazes de garantir entretenimento, informação até mesmo a união entre pessoas, têm gerado uma verdadeira revolução na rotina da sala de aula. Essa revolução, é sentida no processo ensino – aprendizagem, na medida em que, esse processo, vem se adaptando ao uso da tecnologia, no intuito de ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional lhes permitindo assim, encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho. Tornar-se cidadãos.

A essa dimensão apresentada, aliada à compreensão de que educamos de verdade quando aprendemos com cada coisa, pessoa ou ideia, quando vemos, ouvimos, lemos, compartilhamos e que qualquer situação, leitura ou pessoa pode - se extrair alguma informação, experiência que nos possa ajudar a ampliar o nosso conhecimento, seja para confirmar o que já sabemos, seja para rejeitar determinadas visões de mundo é que acreditamos ser possível ensinar de formas diferentes para pessoas diferentes.

Podemos modificar a forma de ensinar e de aprender. Um ensinar mais compartilhado, orientado, coordenado pelo professor, mas com profunda participação dos alunos, individual e em grupo, onde as tecnologias ajudarão muito na aquisição da informação, dos dados, caminhando em direção a uma dependência cada vez menor do professor.

A essa nova disposição ao qual o professor precisa está incluído, inserção aos meios tecnológicos, nos faz compreender que com a *Internet*, estamos (professores) começando a ter que modificar a forma de ensinar e aprender. Hoje, as tecnologias podem trazer dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. Comprovamos o quanto os usos dessas tecnologias em sala de aula são eficazes, quando ao apresentarmos vídeos, imagens, músicas etc, essa aula, torna-se mais interativa, a sensação que se tem é que o tempo passou mais rápido e percebemos que o aluno tem sua curiosidade aguçada.

Neste momento, contemplamos, o efetivar do papel do professor - o papel principal - ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los. O professor tornar-se um facilitador, ajudando para que cada um consiga avançar no processo de aprender.

Esse projeto de intervenção pedagógica, Ti, Ti, Ti na História, fundamentou-se na teoria de Lev Semyonovich Vygotsky (1996), que afirma que a linguagem materializa e constitui as significações construídas no processo social e histórico. Quando os indivíduos interiorizam, passam a ter acesso a estas significações que, por sua vez, servirão de base para que possam significar suas experiências, e serão estas significações resultantes que constituirão sua consciência, mediando, desse modo, suas formas de sentir, pensar e agir.

Porém a acessibilidade tão somente, ao uso da Internet, não garantiria ao aluno, uma autonomia intelectual do mesmo, o recurso didático apresentado, precisa ser mediado adequadamente pelo professor que tem entre as muitas preocupações advindas com o contato do aluno às informações, de cunho histórico recebidas por meio das redes sociais. Essas informações que chegam através da internet, para os nossos alunos são as mais diversas. Inocentemente, eles as tratam como verdades absolutas, ao ponto de até mesmo questionar o conhecimento repassado pelo professor em sala de aula, por acreditar no que leu nos blogs, sites, e-mails. O professor, diante de uma avalanche de dados, sem saber sua proveniência, tem seus longos anos de sala de aula posto em xeque.

Mas qual a origem dessas informações? Quem as escreveram? Escreveu, com quais interesses? São referências confiáveis? Têm o compromisso com a verdade?

Diante de tais questionamentos, foi pensado a criação da página Ti, Ti, Ti na História, hoje utilizada como um arcabouço teórico em sala de aula e como leitura auxiliar disponível para pesquisa, atendendo ao papel da escola, como lugar de troca de experiências, interações sociais e aprendizado, jamais podendo fazer de conta que nada está acontecendo, ficar alheia à realidade tecnológica pela qual passa o mundo.

A essa proposição, comenta Philippe Perrenoud (2000), sobre o novo mundo em que crescem as crianças de hoje, um mundo no qual elas dominam desde muito cedo as novas tecnologias, que influem determinadamente em seus cotidianos. Para o estudioso, “As crianças nascem em uma cultura em que se clica...”, daí concluir que, “A escola não pode ignorar o que se passa no mundo”. (PERRENOUD, 2000, p. 125)

Ainda não conseguimos perceber esse recurso sendo utilizado pelos professores com assiduidade, seu uso ainda é restrito. No entanto, entendemos que o *Facebook* pode ser uma ferramenta de aprendizagem na escola como esclarece Moreira (2014 p. 68):

Esta rede pode potencializar a comunicação e a partilha de informação e conhecimento, e pode permitir o desenvolvimento de capacidades e estratégias de ensino/aprendizagem mais dinâmicas e interativas, abertas e criativas, possibilitando uma maior participação dos intervenientes, um melhor aproveitamento dos recursos e mais mobilidade de informação e conhecimento.

Pensando em atender a essa atração dos jovens, dessa sociedade que tem uma cultura pautada nas tecnologias digitais, foi pensado a construção da página Ti, Ti, Ti na História.

Diante do apelo de novos contextos de aprendizagem e alterações culturais, o professor assume uma nova postura, o de redirecionar ferramentas.

Proporcionar um aprendizado dinâmico, é uma tarefa que o professor precisa conciliar às disposições legais as quais a educação é regida como bem configura A Lei de Diretrizes e Bases (1996) em seu ART.1º, § 2º: *A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.*

A importância da utilização desta atividade que tem por parâmetro, atentar para a realização de um ensino dinâmico da disciplina de história, leva, essa é a expectativa, que nossos alunos a desconsiderarem o velho hábito de decorar os conteúdos do saber histórico. Ficou claro que ao desenvolver as atividades em sala de aula a partir do uso da *internet*, foi

despertado o interesse e a motivação dos nossos alunos a aprender, a aula tornou-se mais prazerosa, tanto para a professora, quanto para os educandos.

Como o professor tem um conteúdo programático para concluir e um tempo de aula exíguo para executar tal tarefa, a página Ti, Ti, Ti na História é apresentada ao aluno, como um recurso midiático, que disponibiliza textos e imagens com fundamentos históricos, à priori, discutidos e analisados em sala de aula e disponibilizado na *Internet* para que esse aluno, quando melhor lhe convier, possa acessá-lo, permitindo com isso, que o aluno aprofunde sua leitura, faça novas sínteses, coloque os problemas que os textos/imagens suscitam, os relacione com a sua realidade.

Visto que o professor não pode mais dar aula da mesma forma, para alunos diferentes, para grupos com diferentes motivações, constata-se a inoperância do método em que o professor deveria dar conta de concluir extensos programas de história, sem conectividade nenhuma com a realidade desse aluno e sem que existisse um sentido para a leitura e compreensão do tema em questão, a não ser decorá-lo para as cansativas avaliações.

Após longos anos de sala de aula, não mais conseguia ver nos alunos uma participação efetiva, a não ser, contemplar certo entusiasmo quando este aluno, garantia a média mínima para aprovação na disciplina. Tamanho contrassenso, traz à tona a necessidade de adaptarmos novas metodologias, novas técnicas de comunicação com este estudante.

Temos alunos que estão prontos para aprender o que temos a oferecer. Existem outros que não estão prontos, que são imaturos ou estão distantes das nossas propostas. Nesse sentido, esta página do *Facebook*, discute temáticas curiosas, como o tratamento do homossexualismo pelos nazistas, o trabalho escravo no Brasil e sua relação com os movimentos sociais contemporâneos e tantos outros, que sejam comentadas por muitos, repercutindo como burburinhos capazes de incitar a vontade no aluno em desvencilhá-las, daí o nome da página Ti, Ti, Ti na História. Não somente utilizada para uma iminente aprovação no ENEM, como também, para as mais presentes resoluções da vida.

Os conhecimentos históricos apresentados nesta experiência, página Ti,ti,ti na História, são dispostos na expectativa de fazer com que o aluno consiga relacionar acontecimentos antigos com temas atuais relativos ao mesmo assunto, ou ao menos ter essa preocupação, ampliando assim, as possibilidades às mais diversas discussões.

É importante neste processo, dinâmico de aprender pesquisando, também utilizar este recurso, no sentido de descobrir as competências dos alunos, que podem sim, aliar suas contribuições junto à construção do conhecimento histórico.

Para tanto, entendemos que este processo de construção do conhecimento histórico, só -será possível, juntamente com a ação de educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato. Os grandes educadores atraem não só pelas suas ideias, mas pelo contato pessoal. Dentro ou fora da aula chamam a atenção. Há sempre algo surpreendente, diferente no que dizem, nas relações que estabelecem, na sua forma de olhar, na forma de comunicar-se.

O contato com educadores entusiasmados atrai, contagia, estimula, os torna próximos da maior parte dos alunos. As primeiras reações que o bom professor e educador despertam no aluno são a confiança, a admiração e o entusiasmo. Isso facilita enormemente o processo de ensino-aprendizagem.

A proposta de um educador que está atento às mudanças tecnológicas e seus desdobramentos, conduzem para uma nova relação no processo de ensinar e aprender, mais aberta, participativa, respeitosa do ritmo de cada aluno, das habilidades específicas de cada um. Essa tecnologia pode sim, propiciar interações mais amplas, que combinam o presencial e o virtual, pensando assim, o educador precisa estar atento para utilizar a tecnologia como integração e não como distração ou fuga.

É importante sensibilizar o aluno antes, para o que se quer conseguir neste momento. Se o aluno tem claro ou encontra valor no que vai pesquisar, o fará com mais rapidez e eficiência. O professor precisa estar atento, porque a tendência na Internet é para a dispersão fácil. O intercâmbio constante de resultados, a supervisão do professor pode ajudar a obter melhores resultados. Eles vão gravando os artigos e imagens mais interessantes e também fazem anotações escritas, com rápidos comentários sobre o que estão salvando. As descobertas mais importantes são comunicadas e discutidas em sala de aula. No final, os alunos comunicam os principais resultados da sua busca e encontramos os principais pontos de apoio para analisar o tema do dia.

Por se tratar de uma tecnologia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece na História, a *Internet* foi pensada aqui, na instrumentalização deste recurso midiático, como uma motivação para aumentar o

poder de comunicação entre aluno e professor, para interagir melhor. O poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias, mas nas nossas mentes. Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. A *Internet*, como um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode ajudar aos professores a reverem, a ampliarem e a modificarem muitas das formas atuais de ensinar e de aprender.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Que a História possui um potencial único para despertar no aluno a curiosidade e promover a reflexão e a associação entre o passado e o presente é inquestionável. Agora, como o profissional da História vai promover tal ação é a questão que está aqui para reflexão. Tratamos aqui, da necessidade do professor em encontrar novas abordagens para o ensino de História que contribuam para promover a aprendizagem dos estudantes.

Como bem destaca as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação para o Ensino Médio:

Concretamente, o projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar: VIII – utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio 4/5/2011 - Projetos Políticos Pedagógicos/Cap. VIII).

A persistência do modelo tradicional de ensino, em que o professor apresenta os conteúdos e os alunos ouvem, anotam explicações para, somente depois disso, estudar, fazer exercícios e resolver possíveis situações-problema, aponta para uma visível falta de interesse dos alunos em buscar o saber histórico.

Diante deste contexto, pensamos na utilização da *Internet*, como uma resposta possível para minimizar um problema ainda mais amplo que a aparente desmotivação dos alunos do ensino médio pela disciplina em questão: o das altas taxas de reprovação que entre outros fatores, encontra-se ligado aos impactos das práticas pedagógicas adotadas por docentes, marcadas por um ensino que se preocupa mais com a variedade e quantidade de informações que com a formação do pensamento reflexivo.

Esse ensino caracterizado pelo verbalismo do mestre e pela memória do aluno tem contribuído segundo relatos dos próprios alunos a identificarem a disciplina de História como uma “carga” substancial a ser memorizada, o que torna a disciplina desinteressante e cansativa, criando um desconforto neste aluno que não apresenta motivação em permanecer em sala de aula.

Este fracasso escolar, é apontado no Relatório de Monitoramento da Educação para Todos, lançado no ano de 2010 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), mostra que a taxa de reprovação no Ensino Médio: o número era de 6%, em 1998, e chegou a 12,7%, em 2007, mais que o dobro. O custo disso é de 10 bilhões de reais por ano. Sem falar nos prejuízos para todos esses alunos. E para as escolas... A verdade é que a reprovação traz prejuízos para todos os envolvidos: além dos gastos já mencionados, aumenta o número de estudantes por sala, os alunos menores são obrigados a conviver com colegas mais velhos e os repetentes perdem estímulo e autoestima. Esse quadro preocupante, é o indicativo de que uma nova postura do docente precisa ser formulada.

Dos consideráveis números de alunos presentes nas recuperações finais de História e as consequentes reprovações de um número significativo desses discentes, aliados aos relatos dos baixos desempenhos nos exames de qualificação ao ensino superior, nasceu o interesse em promover mudanças no modo de colocar os alunos em contato com os textos de história. A preocupação aqui, é possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas possibilidades de ação mental, de forma que possa, posteriormente, intervir no processo sociocultural e inovar a sociedade.

Esse compromisso com um ensino que procura desenvolver a inteligência, deverá priorizar as atividades do sujeito, considerando-o inserido numa situação social. Para tanto, elaboramos uma proposta metodológica, a criação de uma página no *Facebook*, *Ti, Ti, Ti na História*, que prestigia a pesquisa, a participação coletiva e a criatividade e que permite transpassar os limites da sala de aula e até mesmo, em algumas situações, o ambiente da escola, perpassando pela comunidade onde a instituição de ensino se encontra inserida.

A metodologia deverá focar na questão de como a tecnologia pode ser usada em favor da educação e como os recursos tecnológicos utilizados pelos alunos nas aulas poderão ser usados em favor da produção de conhecimento histórico. Nosso engajamento está em mudar substancialmente a relação pedagógica: aproximar a sala de aula do cotidiano, elencando situações do dia a dia com as quais ele convive, o aprendizado se dará de forma mais

simples, além de introduzir novas questões metodológicas no processo educacional tais como aprender a formular hipóteses; aprender a classificar fontes históricas; aprender a analisar a credibilidade das fontes; e, por último, a iniciação na explicação histórica

A iniciativa, traz como primeiro benefício oferecido a essa geração digital que está em nossas salas de aula, a transmissão do conhecimento histórico na mesma frequência dos jovens. Deixando a sempre prioritária lousa e o tão criticado livro didático como elementos secundários a serem utilizados neste processo. A utilização das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), tais como computadores, *smartsfones e tablets*, entre outros, é de fundamental importância nesta nova empreitada.

Entendemos a proposta também como um estímulo à pesquisa. Não é nossa intenção, apenas fazer com que o aluno mude a leitura das páginas do livro didático para as telas dos computadores. Mas é válido lembrar que neste ambiente de mudanças, nossos alunos precisam saber sobre onde e como colher informações, como tratá-las e como utilizá-las, ensiná-los a pesquisarem. O desafio aqui é instigar esse aluno a praticar a pesquisa, no sentido de fazer com que ele tenha condições de atribuir nexos ao conhecimento que está sendo descortinado, ou melhor, aplicar na prática o conhecimento adquirido ao longo de tudo que foi analisado. Entendemos que o professor precisa ensinar o aluno a fazer pesquisa histórica, pressupondo conceitos, temas, teorias e métodos, para melhor compreensão e explicação dos fenômenos sociais, incorporando a tecnologia como mediador no ensino e na aprendizagem.

Pretendemos com esta metodologia, incentivar o trabalho em grupo e a socialização do conhecimento não só entre os grupos e nas salas de aula, mas também nas redes sociais como uma verdadeira teia de distribuição de conhecimento. Nesse interim, destacamos também a mudança de comportamento que o professor passa a adotar o de um papel importante de mediador e não mais de detentor único do conhecimento num ambiente de escuta e recepção, onde o ideal é que ninguém converse, todos fiquem atentos para saber repetir posteriormente o que professor explicou. Essa postura, não comporta mais em um espaço em que as informações são atualizadas a todo instante, onde a tecnologia está nas mãos dos alunos, podendo ser usada de forma criativa para melhorar a educação e o aprendizado.

Na verdade, a escola precisa mais do que nunca, buscar a transformação das práticas pedagógicas, motivando o aluno a aprender através dela, considerando-a um ambiente

relevante, necessário ao desenvolvimento de cidadãos críticos e que pensam no bem comum social. Como bem afirma, Behrens et al (2007, p. 2)

Longe de ser uma mudança tranquila de procedimentos didáticos e de opção crítica pela utilização da tecnologia, trata-se de um movimento de mudança paradigmática que são permeadas por questões que exigem um processo de investigação e reflexão aprofundado. Assim, os docentes necessitam agir de maneira reflexiva para não adotarem recursos de forma acrítica, descontextualizada dos meios e da repercussão social, econômica, política e cultural no qual estão inseridos.

Pensando nesta perspectiva, atribuímos ao uso deste recurso midiático, possibilitar um passo à frente na educação dos nossos alunos. A página já é utilizada em sala de aula. Já apresenta um número significativo de visualizações e contribuições dos seguidores da Escola Estadual Jorge Lopes Raposo, da rede básica de ensino, pública, periférica, onde desenvolvo a ferramenta midiática.

A preocupação inicial na elaboração desta ferramenta, foi atentarmos para administrar os assuntos que atrairiam o interesse de nossos alunos. Em pesquisas realizadas em *sites* com foco em atuação em tecnologias de informação, procuramos identificar quais temas despertam o interesse de qualquer público alvo. Entre os mais destacados, estavam os temas que envolviam curiosidade. Notoriamente, percebemos o quanto nossos jovens são atraídos pelas redes sociais com noticiários dos famosos, sempre atentos as postagens que causam polêmicas, sempre opinando sobre os mais diversos temas vinculados a *net*. Convenhamos, existem palavrinhas mágicas no cotidiano dos nossos jovens que alteram substancialmente sua rotina. “*Como? Por quê? Quanto? Quando? Você sabia??*” Seja qual for a pergunta, o fato é que o ser humano é curioso por natureza e se você fizer a pergunta da maneira certa, certamente vai instigar a querer saber mais”, disse José Roberto Pinto, administrador da empresa de tecnologia de Informação, Alfa Networks.

Complementar a essa constatação, testemunhamos em sala de aula, os constantes burburinhos durante as aulas de História referentes a diversas temáticas. Entre elas podemos destacar: a forma violenta como eram empreendidas as eleições no Brasil nas primeiras décadas da república brasileira. Os alunos conversam entre si, em meios a risos lembrando o voto de cabresto; indignam-se diante ao conhecimento da perseguição dos nazistas aos homossexuais; polemizam ao identificar o papel que a mulher preencheu na sociedade brasileira, sem participação ativa na sociedade e relegada aos trabalhos domésticos entre tantos mais assuntos questionados em sala de aula.

O Ti, Ti, Ti fica mais frenético ainda entre os alunos do ensino médio, em período da aplicação da prova do Enem, quando as especulações sobre quais assuntos de conhecimento histórico poderão estar presentes no tão famigerado exame. O que se percebe, é que nossos alunos já compreenderam que não se trata mais de uma avaliação com perguntas e respostas tão evidentes. A lógica agora, está em saber administrar os diversos saberes, as diversas habilidades de pensamento como interpretar, analisar, sintetizar, classificar, relacionar e comparar.

Se incentivar a curiosidade do nosso aluno com temas que eles se sintam atraídos a analisar, possibilitaremos a aprendizagem do conhecimento histórico durante a investigação. Esse é o pensamento: contar com o apoio da tecnologia para potencializar o aprendizado com agilidade.

Não é uma tarefa fácil, a leitura mesmo que seja realizada em ambiente diferente do da sala de aula, utilizando recurso midiático, este aluno não apresenta o hábito da leitura, demonstrando certa resistência para desenvolver a habilidade. É necessário que o professor suscite ao aluno a apresentação de problemas reais nas leituras analisadas, chamando-os a observar a realidade compreendida a fim de elaborar um problema. Em seguida, passaremos a levantar ideias e suposições para resolvê-lo. O problema não será formulado, mas despontará da realidade estudada. A partir da observação, por meio de perguntas formuladas pelo professor, os alunos levantam hipóteses de solução ou explicação para o problema identificado.

Uma primeira observação positiva feita a partir deste recurso midiático, foi a diminuição do número de faltosos nos quintos e sextos horários das quartas-feiras, horário das aulas de História da Escola Estadual Jorge Lopes Raposo. O simples fato de retirar os alunos de seu ambiente convencional, a sala de aula, e os levar para o laboratório de informática, já os despertou uma certa euforia na medida que expectativas com a atividade foram criadas. É válido lembrar que durante todo o tempo da aula o papel do professor foi o de orientador, auxiliando nas dúvidas do grupo em relação aos conceitos teóricos estudados em sala de aula e na interpretação dos problemas propostos.

Além disso, é significativo compreender que a substituição da leitura dos livros didáticos pelo monitor de um computador remete aos alunos uma nova realidade. O que se observa é que o aluno ao assumir o *mouse*, se vê como responsável pela sua aprendizagem, com um click, esse aluno se transporta para uma outra dimensão, que não a escola, o

professor precisa nesse momento, deixar claro que objetivo principal desta atividade será sempre a construção dos significados conceituais por parte dos alunos e que o alcance desse objetivo depende do processo de negociação didática que ocorre em sala de aula.

Como foi realizado depois da aula sobre Revolução Industrial, quando foi apresentado informações sobre os grupos sociais, as relações de trabalho e as alterações culturais proporcionadas por esse movimento. Chegamos ao laboratório de informática com algumas palavras chaves: trabalho, sociedade, comportamento. As leituras disponibilizadas na página Ti, Ti, Ti na História, traziam informações escritas e imagéticas atribuídas as palavras-chave, que não se encontravam no livro didático e que não apareciam nos *blogs* de História, segundo informação dada pelos próprios alunos que pesquisaram sobre o tema, rapidamente “navegando” pela *net*. Os alunos apresentaram um bom desempenho na conclusão da tarefa, na medida em que ficou acordado que se eles conseguissem relacionar o contexto histórico analisado, com acontecimentos contemporâneos, agregando conceitos estruturais à conjuntura, estariam garantindo aprovação parcial na disciplina. Foi a suficiente para levantarem questionamentos sobre discriminação, desigualdade social, moda, meios de produção e tantos outros.

O que nos chamou atenção, foi o fato de que ao serem perguntados se possuíam computadores em casa, a resposta foi quase unânime que não. No entanto, não foi possível perceber inabilidade com a máquina, já que o uso habitual de celulares os permitem celeridade ao navegar na *Web*.

Como a Escola Estadual Jorge Lopes Raposo, dispõe de laboratório de informática foi garantida a aplicabilidade do empreendimento. No entanto, o número de computadores é considerado insuficiente, no total de vinte e dois, para adequar ao número total de alunos, foi utilizado os celulares dos estudantes, com a devida orientação para que não houvesse a dispersão dos temas discutidos.

Ouvi comentários como: “tenho preguiça de ler”, “tenho dificuldade de interpretar”, “não consigo relacionar a imagem com o tema”. Foi um número exíguo, no entanto preocupante.

A dificuldade mais frequente, ou que se poderia dizer a mais comum, foi a da falta de tempo para a conclusão das reflexões. Vale ressaltar, que o tempo de duas aulas, de 45 minutos cada, nas turmas de primeiro ano do ensino médio, não são suficientes para que o professor administre desde a contextualização histórica da temática em questão, até a

resolução das atividades propostas, ou seja, um tempo relativamente exíguo para que sejam empreendidas os devidos questionamentos suscitados pelos alunos, a partir da aquisição das informações concebidas a partir das pesquisas disponibilizadas na página Ti, Ti, Ti na História.

Este recurso metodológico mostrou-se um facilitador mediante ao que foi proposto: incentivar novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções do conhecimento histórico. Possibilitou um ambiente favorável à aprendizagem e ao desenvolvimento de autoconceito de confiança na própria capacidade de enfrentar desafios já que os estudantes são incentivados, por exemplo, a se colocar, a fazer perguntas, a comentar sobre o que aprenderam. É possível acessar documentos históricos, resumos, dicas de livros e filmes, enviar sugestões e deixar comentários além de disponibilizar artigos científicos, ou seja, ao aluno será disponibilizado uma gama de conhecimentos que os conduzirá a elaboração de hipóteses, possíveis problemas e discussões dos mais variados contextos históricos.

Criado com a intenção de se tornar uma ferramenta motivadora para o envolvimento dos nossos alunos junto à produção do saber histórico, foi observado que alunos mais empenhados na proposta, desenvolveram novas observações e questionamentos, passaram a também a buscar por mais enfoques aos temas discutidos.

Por se tratar de uma proposta pedagógica que não está presa apenas aos fatos, mais que é capaz de proporcionar novas possibilidades, através de uma visão crítica dos conceitos presentes na experiência pessoal de cada um, de se fazer nascer uma maior compreensão da própria realidade, acreditamos fielmente na compreensão de que ensinar História é trabalhar com a formação dos cidadãos, que exercem papéis distintos na vida e na sociedade brasileira, nos levando, portanto, a acreditar também que o empenho de todos na formulação de uma nova educação no Brasil seria o caminho a percorrer.

Ao final deste novo estudo, consideramos uma avaliação positiva do novo recurso utilizado em sala de aula; entretanto, sabemos que essa pesquisa não se esgota de forma alguma às possibilidades de estudos acerca do tema, havendo ainda muitos aspectos a serem analisados, em futuros estudos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de refletir sobre a Prática de um Ensino de História mais dinâmico e interativo, ou melhor, tornar os conteúdos de História significativos, foi o que nos levou a tecer algumas considerações referentes à didática empreendida pelo professor em sala de aula junto à construção do conhecimento histórico.

É claro que a preocupação central neste estudo não é a de levantar problemas concernentes à discussão atual sobre o conteúdo de História nas escolas da rede básica de ensino, todavia, as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da área também abarcam essa problemática.

A nossa inquietação como professora desta disciplina, está em pensar seriamente em um método de ensino que desperte nos indivíduos a vontade de aprender e que faça o aluno compreender o que está sendo ministrado em aula.

Temos consciência de que precisamos nos posicionar mediante tal situação, no entanto, sabemos também que executar uma metodologia diferente não é tarefa fácil, já que promover uma prática pedagógica diferenciada requer conhecimento e disposição para superar tantos problemas que permeiam a educação brasileira.

É preciso sair da zona de conforto e partir para a execução de novas metodologias, enfrentar as dificuldades que existem e promover uma educação efetivamente transformadora.

Com este estudo, concluímos, portanto, que está em nossas mãos, depende de nós professores, buscar maneiras agradáveis para realizar um ensino de História de qualidade para nossos discentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, G. **Dialética do Ciberespaço: trabalho, tecnologia e política no capitalismo global**. Bauru; editora Document Arminda, 2002.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 21-39.

AMORIM, Roseane Maria de. SILVA, Cintia Gomes da. **História & Ensino**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 165-187, jul./dez, 2016.

BEHRENS, M. A.; ALCÂNTARA, P. R., TORRES, P. L.; MATOS, E. L. M. **A Prática docente e as mídias educacionais: convergências e divergências**, 2007.

BLOCH, Marc. A História, os homens e o tempo. In: Bloch, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, v. 11, 2015.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC 3ª versão. Brasília, DF, 2018.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação para o Ensino Médio. Resolução 3 da CEB/CNE de 26 de junho de 1998.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online**. Revista História Hoje, v. 3, nº 5, 2014, p. 165-188.

CHERVEL, A. **Historia de las disciplinas escolares: Reflexiones sobre un campo de investigación**. Revista de Educación, n. 295, p. 59-111, 1991.

FERMIANO, Maria Belintane e SANTOS, Adriane Santarosa dos. Ensino de História para o Fundamental 1: teoria e prática.- São Paulo: Contexto, 2014, p. 10, 11.

FONSECA, Thaís Nívea. **História & Ensino de História**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GINZBURG, Carlos. **História na era do Google**, Porto Alegre. UFRGS, 2010.

FERREIRA, Valdir Soares. **Geração.com**. São Paulo: Olímpia, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook**: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MOREIRA, S. Januário. Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem”. In C. Porto, E. Santos (org). **Facebook e Educação**: Publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande, PB: EDUEPB, pp.67-84, 2014.

MONTEIRO, Ana Maria. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. *História & Ensino*. Londrina, v.9. p. 09-36, out. 2003.

PERRENOUD,2000. Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed,

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Consciência histórica e crítica em aulas de história**. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - Museu do Ceará, 2001.

SIMAN, L. **Temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico**: desafios para o ensino e a aprendizagem. In ROSSI, Vera L. Sabongi e ZAMBONI, Ernesta (orgs). Quanto tempo o tempo tem! Campinas: Alínea Editora, 2003, p.109- 143.

VYGOTSKY, Lev S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.